

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo

Class.: Suruí 25

Data: 25/09/76

Pg.: 11

Demarcação em RO vai ter reinício hoje

Do Correspondente em
PORTO VELHO

Uma equipe de 18 funcionários da empresa Plantel, Agrimensura e Agronomia, de Goiânia, deve recomençar hoje a demarcação da reserva dos índios suruí do posto 7 de Setembro, no parque Aripuanã, em Rondônia. O reinício do trabalho ocorre quase dois meses após ter sido interrompido em consequência de atritos provocados por posseiros que seriam desalojados com a demarcação. E 15 dias depois da visita do ministro Rangel Reis, do Interior, que, verificando a insatisfação dos índios, determinou a retomada imediata do serviço, o que não foi possível, porque a empresa demarcadora tinha todos os funcionários ocupados em outros locais.

No final de julho, os topógrafos da Plantel abandonaram a área diante da grande tensão entre os 250 suruí de 7 de Setembro e cerca de 1100 famílias de posseiros instaladas irregularmente nos 230.000 hectares da reserva. E o próprio sertanista Apoena Meirelles, diretor do parque Aripuanã, afirmou que o trabalho só poderia ser reiniciado com garantias policiais.

No dia 30 de agosto, porém, o ministro do Interior, o governador do Território, representantes da Funai, do Incra, da Secretaria do Planejamento e do Conselho de Segurança Nacional, reunidos em Brasília, chegaram a uma solução que poderia eliminar os atritos. Decidiu-se que os suruí perderiam 3 quilômetros quadrados de sua reserva, na extremidade oeste — onde se encontrava a maioria dos invasores — e anexaria outra área, do mesmo tamanho, a leste.

A solução foi considerada satisfatória pelos índios, desde que se reiniciasse logo a demarcação, única medida capaz de impedir a continuidade das invasões. Como a demora continuou, pequenos atritos ainda

ocorreram após a visita do ministro à tribo. Além do mais, a solução de deslocar a aldeia não beneficiou a totalidade dos lavradores irregularmente instalados, pois muitos deles — cerca de duzentas famílias — encontram-se em outros pontos da reserva e, com a demarcação, terão de sair.

ATAQUE

Dois dias após a ida do ministro Rangel Reis ao posto 7 de Setembro, cerca de 30 índios, armados de espingardas, perseguiram um grupo de colonos que se aproximara da aldeia, derrubando árvores com motosserras. Francisco de Assis Silva, chefe do posto, os sertanistas Apoema e Aymoré e o enfermeiro João Natan correram atrás dos índios, para tentar detê-los.

"A pouco mais de 500 metros do posto — lembra Assis —, os índios tinham cercado um grupo de homens que diziam ter sido mandados ali pelos funcionários do Incra. Cheguei na frente e consegui salvar a vida de um, pois meti a mão e desviei o cano da espingarda do índio Bemoro, que disparou para cima."

Apesar de parte da reserva ter sido transferida aos invasores, muitos deles se mostram inseguros com o que deve acontecer. "Se a demarcação vier para definir as coisas — diz José Maria Parício, de 43 anos, que veio de Toledo, no Paraná — que venha e será bem recebida. Agora, se for para eu sair, vão ter de me indenizar pelo que plantei." Manoel Espiridião, que veio de Colatina, Espírito Santo, há 3 anos, afirma: "Eu não entendo. Nós, que estamos produzindo, temos de sair. O índio, que não produz nada, fica com um mundo de terra."

A equipe de demarcadores teme uma nova reação dos colonos, principalmente dos que terão de ser transferidos, sem que o Incra esteja disposto a indenizá-los.